

de albar

Diretor: PEDRO CATALLO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

ANO I NÚMERO 7 SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1967 Registro N.º 2.097 PREÇO NCr\$ 0,20

IDEAL DE CONFRATERNIZAÇÃO UNIVERSAL

Universalismo e

Nacionalismo

O Universalismo considera a humanidade um todo constituindo uma única família, tendo o mundo como pátria comum. Não dependendo do homem a escolha do lugar do seu nascimento, tanto vive ele, para satisfação de suas necessidades e preferências, nas frígidas regiões polares como nas tórridas vastidões dos trópicos. Está historicamente demonstrado não terem as fronteiras origem natural e que, sofrendo alterações constantes no decorrer dos séculos, tem servido para dividir os povos, alimentando as prevenções, desavenças, animosidades e ódios que dão motivos para as guerras, causadoras de grandes males que atormentam a humanidade.

Não se pode negar a natural afeição pela terra onde se nasce e cresce, onde se forma um lar, alimentando laços familiares e de amizade, onde se aprende a estudar e trabalhar, onde se ama, luta e diverte, onde, enfim, se acaba criando um ambiente ao qual a gente passa a sentir-se associada, como parte integrante, pelas reações das múltiplas atividades determinadas pelo desenvolvimento da própria personalidade. Entretanto, o sentimento afetivo ao próprio meio-ambiente não justifica a prevenção e muito menos a animosidade contra povos de outras partes e, deixando de ser natural, passa a ser absurdo, odioso e merecedor de repulsa quando, sob as vestes enganosa do nacionalismo, serve de instrumento aos dominadores dos destinos do mundo, sem pátria, que alimentam as discórdias

internacionais e provocam as guerras.

O fato de nascer aquém de certas linhas convencionais não pode ser motivo para se considerarem inimigas criaturas que vieram ao mundo além dessas fronteiras estabelecidas à revelia de suas von-

turais os agrupamentos formados por livre e espontânea atuação de populações unidas em virtude das influências de ordem geográfica e econômica, da comunidade dos costumes e tendências sentimentais, federando-se entre si, também por livre determina-

mais há que separe os homens. Com as conquistas do progresso, tôdas as distâncias são fáceis e rapidamente vencidas, relacionando estreitamente as criaturas de todos os quadrantes da Terra, para satisfação de tôdas as suas necessidades. Do barco de ve-

nações e continentes; pelo telefone a voz humana se transmite em tôdas as direções e para o telégrafo não há distâncias; o rádio, vencendo no tempo e no espaço, tudo investiga, tudo informa, tudo divulga em instantes, internacionalizando os acontecimentos, as descobertas, as manifestações das ciências e das artes, animando a humanidade em suas tristezas e alegrias; a televisão, com suas imagens vivas, familiariza os aglomerados humanos em suas mais íntimas atividades. O convívio da humanidade entrelaça-se através de todos os mares e continentes, desprezando as fronteiras criadas de acordo com as conveniências daqueles que disputam o domínio do mundo. Nem as barreiras alfandegárias, nem o crivo das censuras reacionárias impedem o regime de cooperação e das permutas que se intensifica cada vez mais, para satisfação das atividades econômicas, profissionais e técnicas, científicas e artísticas, esportivas e recreativas, bem como político-sociais. Nada, portanto, justifica, sob nenhum aspecto, a divisão da humanidade em nacionalismos perturbadores de seu normal convívio.

Os libertários são, por isso, Universalistas, isto é, pugnam para unir a humanidade numa comunidade única, fraternizada em populações autônomas formadas por livre determinação, influenciadas por imperativos naturais e reunidas pelos laços do livre Federalismo, desde a pequena zona rural até o distrito, a comuna e o município, através de regiões e continentes. Quer isto dizer, então, que os Universalistas libertários bra-

sileiros desprezam o Brasil? Sômente aqueles que procuram desvirtuar os seus princípios poderão afirmar semelhante absurdo. Ao contrário, talvez sejam os libertários os melhores defensores do país em que nasceram ou em que vivem, e isso porque sustentam uma luta sem trégua para libertá-lo dos elementos que o escravizam econômica e politicamente, daqueles que alimentam o obscurantismo embrutecedor da consciência de seu povo, em fim, de todos aqueles — nacionais ou estrangeiros — que exploram e tiranizam o país — nacional e internacionalmente — em prejuízo de sua população.

Os libertários não podem, naturalmente, deixar de querer ao Brasil, e, justamente por isso, pelem para que ele seja libertado do domínio dos exploradores do povo e passe a pertencer a todos os brasileiros, confraternizados num regime de equidade social e formando, como unidade autônoma, progressista, culta e próspera, na grande confederação dos povos. Em prejuízo dessa suprema aspiração humana, irrompeu entre nós e propaga-se, tal qual uma epidemia dizimadora, um nacionalismo misticador, organizado e propagado por elementos que se dizem militantes da esquerda social, que, dessa forma, ferem as bases fundamentais do ideal de confraternização universal. Tão ruínosa obra exige um ativo trabalho no sentido de solidificar a solidariedade consciente entre o povo na luta contra o domínio dos exploradores, para quem o nacionalismo é um instrumento de dominação.

Edgard Leuenroth



De dia para dia mais se evidencia o absurdo das fronteiras.

tades. Julgando anti-social o fracionamento da humanidade em nações litigantes, o que é feito com intuíto político-econômico pela classe dominante, interessada em alimentar discórdias, com o fim de solidificar o seu poder, os Universalistas libertários consideram, entretanto, como na-

ção, em obediência a imperativos semelhantes e estendendo-se em solidária convivência pelos territórios exigidos pelas circunstâncias do seu normal desenvolvimento.

De dia para dia mais se evidencia o absurdo das fronteiras com que se pretende dividir a humanidade. Nada

la passou-se ao rápido transatlântico a vapor; as morosas conduções terrestres foram substituídas pelos velozes trens-de-ferro; o automóvel devassa os longínquos recantos que sômente conheciam o bulhento carro de bois; por meio do avião atravessavam-se, em poucas horas,

A MAGIA DO SALÁRIO MÍNIMO

Sabemos de antemão que o título que encima o nosso artigo pode causar estupefação e até hilaridade na maioria das pessoas que nos lêem, porque, de fato, é muito difícil achar «poderes mágicos» a essa minúscula fração que leva o nome de Salário Mínimo. Ela é tão minúscula, tão magra e esquelética, é tão inexpressiva em seu valor aquisitivo, que só pode causar comiseração, repulsa e descontentamento. Todavia, o simples fato da sua existência e o seu periódico aparecimento nas manchetes dos jornais, está a indicar que alguma importância deve ter no jogo econômico do país.

Quando tudo é cotado por milhões, quando os milhões andam às soltas como feras famintas com loucas ganas de embarafustar nas algebeiras oportunistas, sempre à espreita, sempre prontas, dos favorecidos da sorte, dos atrevidos, dos que sabem dobrar a espinha e ajustar-se às burdas manobras do enriquecimento, a existência dum mísero «salariozinho» deve ter alguma significação. A sua teimosia e heróica resistência em meio a esse bimbalar festivo de milhões, bilhões e trilhões que se cruzam diabólicamente por todos os pontos cardiais do país, algo de sublime deve ter, alguma missão humana cum-

pre apesar da sua ridícula expressão.

É que o salário mínimo se destina a uma categoria de gente que não é considerada gente; a um tipo de seres sub-humanos ao qual se lhe atribui uma poderosa força de adaptação à miséria, à inóxia e à pobreza; a uma classe de pessoas — segundo se crê — dotada de órgãos insensíveis para gozar as regalias da vida, mas possuidora duma resistência a toda prova para a execução de trabalhos duros, pesados e asquerosos. O mínimo salário, o mais pequeno, o mais insignificante é destinado ao trabalhador de esgotos que quase sempre trabalha com água pútrida até os joelhos e em meio a dejetos, ao coletor de lixo que está sempre em contato com coisas pútridas, ao servente pedreiro que consome mais de quatro mil calorias diárias, ao camponês que não conhece horário de trabalho e a milhões, milhões e milhões de trabalhadores com famílias numerosas que sabem repetir todos os dias aquele milagre bíblico de Cristo que transforma em saboroso pão as toscas pedras. É a grande Magia do salário mínimo que num misto de arroz e de cachaça consegue manter vivos braços poderosos que constroem riquezas, fecundam campos,

dão vida a nação e, sobretudo, proliferam desmedidamente num afoito desafio ao aviltante salário que recebem. Não há dietista, nem médico e nem economista capaz de explicar a milagrosa vivência desses trabalhadores que recebem o mínimo salário. A conturbada sobrevivência deles talvez escape à própria fenomenologia bioquímica; é um fenômeno social oriundo de um salário que encerra poderes carismáticos que transformam a fome em energia e a miséria em riqueza nacional.

A Magia do salário mínimo não se restringe ao ambiente proletário, o seu jato milagroso vai muito mais além, alcança também as plétóricas camadas da «Gente Bem», aquelas que, num moto-contínuo e sub-repticiamente promovem a alta constante e incontrolável dos gêneros de toda espécie. São os donos do mercado nacional que enfeixam em suas poderosas mãos o destino que rege a vestimenta, os víveres, os remédios, as moradias e tudo o que é indispensável para a vida. São os cavalheiros de indústria que com o poderoso riso de quem pode, manda e ordena, decretam preços, embaralham custos, duplicam valores que depois esbanjam nas orgias malucas dos cabarés de luxo. São os sagazes

mercadores que estão sempre à espreita da decretação do salário mínimo para fingir desespêro, simular falências, prestar insolência e içar de novo os preços, justificando, no mísero aumento do paupérrimo salário mínimo, a subida astronômica de tudo. É a grande Magia do salário mínimo que põe nas mãos dos açambarcadores a alavanca miraculosa da manobra alista.

E a dança dos milhões continua numa acintosa afronta aos que vivem dentro do salário mínimo. Milhões para governantes, milhões para Secretários, milhões para Ministros, para deputados, para senadores e para embaixadores; milhões para comerciantes e industriais, milhões para fiscais e intermediários, milhões para desonestos e estelionatários, milhões para artistas de televisão, milhões para etc. e etc. Em princípio, nada temos contra os milhões que ganha toda essa gente; estamos, sim, contra a miséria do salário mínimo. Em programas de televisão se distribuem milhões de cruzeiros como se fossem «milhões grandes». Basta responder uma simples e infantil perguntinha, para ganhar o valor de cinco, dez, vinte e até cinquenta vezes o salário mínimo. Enquanto que um pobre homem com família

tem que trabalhar um mês, em trabalhos brutos e penosos para levar pra casa um mísero salário mínimo e ainda com descontos. O salário mínimo e o passaporte que habilita os capitães de indústrias a pôr o dedo em riste e silenciar as incômodas lamúrias daqueles que, as impiedosas leis dos mais «fortes», atiraram para o último escalão da sociedade. Aquêles que nascem porque os espermatozoides desconhecem as criminosas limitações desse raquítico salário, e que se-

guindo as sublimes leis da natureza, desembestam ululantes para a vida, para uma vida que é quase sempre a morte prematura.

A nossa crônica pode parecer impertinente, recheada de exageros e zombeteira até, mas os fatos falam muito mais alto do que as intenções que se nos possam atribuir. A dança dos milhões é alucinante, pública, e ostensiva... ressoa nos ouvidos de todos os mortais.

Pedro Catallo

LIBERDADE

Como ponto de partida de tôdas as conquistas está a liberdade. A liberdade é o problema primordial. Nem só de pão vive o homem. E mesmo para conseguir o pão precisa o homem de liberdade. Portanto: liberdade de locomoção, liberdade de cada qual escolher a própria atividade, liberdade de expansão de pensamento, isto é, de crer ou deixar de crer, de concordar ou discordar, usando de todos os meios próprios para esse fim, em tôdas as ocasiões e onde quer que seja; liberdade de reunião e de associação em tôdas as suas modalidades, liberdade, enfim, do indivíduo dar ampla expansão à sua personalidade num ambiente social de livre convivência.

FREDERICO BRITO

AUTORITARISMO

ERICH FROMM

(Continuação do nº anterior)

As manifestações neuróticas lembram o comportamento irracional que ocorre em ocasiões de pânico. É assim que um homem encurralado por um incêndio fica parado na janela de seu quarto bradando por socorro, esquecendo-se completamente de que ninguém pode ouvi-lo e que ele ainda teria tempo de fugir pela escada de emergência que também pegará fogo dentro de alguns minutos. Ele grita porque quer ser salvo, e no momento seu comportamento parece ser um passo dado no caminho do salvamento — todavia, terminará numa catástrofe total. Da mesma maneira, os estímulos masoquistas são causados pelo desejo de ver-se livre do ego individual com todas as suas deficiências, conflitos, riscos, dúvidas e insuportável solidão, mas apenas conseguem afastar a dor mais conspicua ou conduzem mesmo a sofrimentos maiores. Daí decorre, quanto ao masoquismo, que o indivíduo é impedido por uma sensação insuportável de solidão e insignificância.

Ele tenta, então, sobrepujá-la, descartando-se de seu ego (como entidade psicológica); sua maneira de fazer isso é amesquinhar-se, sofrer, tornar-se absolutamente inexpressivo. Mas, dor e sofrimento não são o que ele quer, e sim o preço que paga por um objetivo que procura compulsivamente alcançar. O preço é elevado. Ele tem de pagar cada vez mais e, como um peão, fica cada vez mais envidado sem jamais obter aquilo por que pagou: a paz e tranquilidade interiores.

Falei da perversão masoquista porque ela prova, fora de qualquer discussão, que o sofrimento pode ser algo desejado. Contudo, na per-

versão masoquista, tanto quanto no masoquismo moral, o sofrimento não é verdadeiro objetivo; em ambos os casos, é o meio para a consecução da meta: o esquecimento do próprio eu. Esta diferença entre a perversão e os traços de caráter masoquista jaz essencialmente no seguinte: na perversão, a inclinação para a pessoa desvincular-se de seu eu, expressa-se através do corpo e liga-se a sentimentos de ordem sexual; no masoquismo moral, essas inclinações apoiam-se da totalidade da pessoa e tendem a destruir todas as metas que o ego procura conscientemente alcançar, ao passo que na perversão, os impulsos masoquistas ficam mais ou menos restringidos ao reino físico; outrossim, graças a seu amálgama com o sexo, participam do relaxamento de tensão que ocorre na esfera sexual e, assim, encontram certa descarga direta.

O aniquilamento do eu individual e a tentativa de assim superar a sensação insuportável de impotência são apenas um aspecto dos anelos masoquistas. O outro é a tentativa de tornar-se parte de um todo maior e mais poderoso, extrínseco ao indivíduo, e de submergir e compartilhar dele. Este poder pode ser uma pessoa, uma instituição, Deus, a nação, a consciência, ou uma compulsão psíquica. Tornando-se parte de um poder que é reputado inabalavelmente forte, eterno e fascinante, a pessoa participa de sua força e glória. Ela renuncia a seu eu e a todo o vigor e orgulho a estes associados, perde sua integridade como indivíduo e abre mão da liberdade, porém adquire uma nova segurança e um novo orgulho através da participação do poder em que se embutiu. A pessoa também conquista segurança contra a tortura da dúvida. A pes-

soa masoquista, quer seu senhor seja uma autoridade fora dela mesma, quer seja interiorizado como consciência ou uma compulsão psíquica, poupa-se da necessidade de tomar decisões e da responsabilidade última pelo destino de seu eu, e, portanto, a dúvida sobre a qual a decisão a tomar. Também se livra da dúvida acerca do significado da vida ou de quem «ela» é. Estas respostas são dadas pelo relacionamento com o poder a que se ligou. O significado da vida dessa pessoa e a identidade de seu ego são determinados pelo grande todo em que o ego mergulhou.

Os vínculos masoquistas são fundamentalmente distintos dos vínculos primários, isto é, daqueles que existiam antes do processo de individualização ter chegado ao fim. O indivíduo ainda é uma parte de «seu» mundo natural e social, ainda não emergiu completamente do meio que o rodeia. Os vínculos primários proporcionam-lhe segurança genuína e o conhecimento de sua posição. Os vínculos masoquistas são uma fuga. O ego individual já apareceu, mas é incapaz de perceber sua liberdade; está obumbrado por angústia, dúvida e uma sensação de impotência. O

ego procura encontrar segurança em «vínculos secundários», como podemos chamar os vínculos masoquistas,



“Medo a Liberdade”

mas essa tentativa nunca pode ser coroada de êxito. O

aparecimento do eu individual e irreversível, conscientemente, o indivíduo pode sentir-se seguro e como se «perencesse a algo», mas, no fundo, permanece um átomo ineficaz que sofre ante a submersão de seu ego. Ele e o poder a que se agarra nunca se unificam, continuando sempre um antagonismo básico, e, com ele, um impulso, ainda que absolutamente não consciente, de vencer a dependência masoquista e tornar-se livre.

Qual é a essência de nossos impulsos sádicos? Uma vez mais não é a vontade de fazer os outros sofrerem. Todas as diversas formas de sadismo que podemos observar recaem em um impulso essencial, qual seja o de exercer domínio completo sobre outra pessoa, torná-la um objeto inerme de nossa vontade, tornar-se senhor absoluto dela, tornar-se seu Deus, fazer dela o que se quiser. Humilhá-la, escravizá-la são meios para obter este fim e o objetivo mais radical é fazê-la sofrer, pois que não há poder maior sobre uma pessoa que o de infligir-lhe dor, forçá-la a submeter-se a sofrimento sem que possa defender-se. O prazer alcançado pelo domi-

nio completo sobre outra pessoa (ou outros objetos animados) é a essência mesma do impulso sádico. (6)

(6) O Marquês de Sade alegou que a característica de dominação era a essência do sadismo nesta passagem de Juliette II (transcrita de Marquis de Sade, by C. Gorer, Nova York: Liveright Publishing Corporation, 1934): «Não é o prazer que você quer que seu parceiro sinta, mas sim a impressão que você quer causar; a de dor é bem mais forte que a de prazer... compreende-se; usa-se e fica-se satisfeito».

Gorer, em sua análise da obra de Sade, define o sadismo como «o prazer sentido com as modificações observadas no mundo externo causadas pelo observador». Esta definição aproxima-se mais da minha opinião sobre o sadismo do que da de outros psicólogos. Penso, contudo, que Gorer está errado ao identificar o sadismo com o prazer advindo da supremacia ou da produtividade. A supremacia sádica caracteriza-se pelo fato de que quer fazer do objeto um instrumento abúlico nas mãos do sádico, ao passo que a alegria não-sádica, ao influenciar outros, respeita a integridade destes e é baseada em um sentimento de igualdade. Na definição de Gorer, o sadismo perde sua qualidade específica e passa a ser idêntico a qualquer gênero de produtividade.

(Continua no próximo número)

Liberdade sem Medo

Pela Prof.^a ESTHER REDES I.

Summerhill é uma escola moderna situada a 100 milhas de Londres e fundada pelo professor A. S. Neill no ano de 1921.

Estudioso de Freud e amigo pessoal de Wilhelm Reich, o professor Neill chegou à conclusão de que não existe criança problema e sim crianças mais ou menos infelizes e conseqüentemente mais ou menos hostis a si próprias, hostilidade que é projetada no mundo que a rodeia.

Indivíduo extremamente corajoso e audaz, resolveu pôr em prática as suas conclusões para verificar se eram verdadeiras e assim o seu livro nos conta uma experiência de 40 anos que já começa a ser conhecida mundialmente, o que trará, inevitavelmente, resultados benéficos para a humanidade.

O único objetivo de Summerhill consiste em criar uma atmosfera onde se encare a vida de maneira positiva, onde a criança tenha o direito de ser ela própria e irradiar felicidade. Considera-se que a criança é bastante sensata e capaz de desenvolver-se por si mesma. Para conseguir tal objetivo seus alunos moram na escola, longe da influência da família, em grupos etários que variam dos 5 aos 18 anos de idade, num regime de liberdade absoluta, isto é, com ausência total de disciplina, direção, treinamento moral ou religioso. A escola não possui inspetores, nem bedués e inclusive o comparecimento às aulas é espontâneo. Existe um horário rígido de aulas apenas para os professoras. Entretanto Summerhill conta com poucos alunos vadios e o tempo de vadiagem de um aluno recém-chegado, em geral, varia proporcionalmente ao ódio que ele traz da escola anterior. Também não há provas nem exames, mas quando um aluno deseja preparar-se para a Universidade, dispõe de uma equipe de professores categorizados para a sua preparação e sempre tem sido ótimo o número de aprovações dos alunos de Summerhill.

Os programas eruditos das escolas padronizadas não existem ali porque sabe o professor Neill como sabem também a pedagogia moderna que a finalidade da educação deveria ser uma preparação para a vida em lugar de acúmulo de conhecimentos em cabeças muito jovens ainda que cria um desequilíbrio entre o pensar e o sentir, característico da nossa civilização neurotizada que sabe pensar mas reage emocionalmente ao nível da criança, muitas vezes, e quando muito do adolescente.

Em Summerhill, ao ensino em si mesmo não se dá tanta

importância quanto a formação do caráter e da personalidade. De fato o que importa para o equilíbrio e a felicidade de uma criatura que ela saiba muito ou pouca geografia, história ou matemática? E nós sabemos que os primeiros alunos de todas as escolas em geral são os que fracassam na vida enquanto que o físico Einstein, o bailarino Nyinsky, o escultor Rodin e tantos outros grandes e expoentes da capacidade humana de criar foram considerados péssimos alunos nos seus tempos escolares. Na realidade muita capacidade de criação é anulada nas escolas com a estupidéz dos programas rígidos, da disciplina de trabalho e da adoção de livros onde jamais se fala em amor, liberdade ou humanidade.

As atividades de Summerhill são distribuídas da seguinte maneira. As manhãs são destinadas às aulas teóricas. Nenhum aluno é forçado a frequentar essas aulas, mas se um menino comparece a uma aula na 2ª feira e só volta na 6ª feira, os demais protestam porque ele está atrapalhando o trabalho e, às vezes, chegam a expulsá-lo da turma. As tardes são inteiramente livres para todos. Depois do chá das 16 horas têm início várias atividades. Os menores gostam que se leia para eles. Os médios preferem pintar, recitar, fazer cerâmica, etc. Os mais velhos preferem as oficinas de carpintaria e metalurgia. Os trabalhos manuais são completamente espontâneos e, em geral, os meninos preferem montar um avião ou um navio do que fazer trabalhos mais complicados.



As atividades à noite também são variadas. Nas noites de segunda-feira e às vezes nas quintas-feiras vão ao cinema local. Nas terças-feiras os mais velhos ouvem palestras sobre psicologia enquanto os menores fazem grupos de leitura. Nas quartas-feiras dançam. Nas sextas-feiras ensaiam peças teatrais. Nas noites de sábado realizam-se as Assembléias Gerais seguidas depois de um baile e aos domingos representam no teatro. A noite de sábado é a mais animada em virtude da Assembléia Geral a que comparecem alunos, professores e todos os funcionários e onde se discutem todos os assuntos relativos à escola num regime democrático puro, onde o voto de uma criança de 6 anos vale tanto quanto o voto do diretor da escola. E quando este quer fazer valer uma decisão sua que a experiência da vida e o conhecimento lhe indicam ser necessária, tem de apelar para a argumentação insistente, em assembleia sucessivas, até ver aceita pela maioria, democraticamente, o seu ponto de vista. Mas às vezes nem isto consegue como aconteceu quando ele levantou a idéia de se proibir o fumo na escola para os alunos menores de 16 anos e viu sua proposta derrubada por um menino de 10 anos, que retrucou: — Bem, então agora passaremos a fumar às escondidas, nos gabinetes sanitários, como os alunos das outras escolas?

Assim é Summerhill, uma escola livre, onde vivem todos, na mais absoluta igualdade, onde ninguém demons-

tra preferência por alunos, onde os professores comem a mesma comida dos alunos e estão submetidos aos mesmos regulamentos destes, regulamentos esses determinados nas Assembléias e aceitos por todos e onde os juizes são os próprios alunos escolhidos pelos colegas. Quando há transgressão de algum regulamento o culpado é julgado e aceita tranquilamente o castigo que lhe é imposto, que geralmente consiste em não ir ao cinema ou perder uma mesada mas que pode protestar veementemente se considera injusto o castigo e conseguir até absolvição. Com isto os alunos de Summerhill conhecem o que é a democracia e ao mesmo tempo vão se adaptando ao nosso mundo feito de julgamentos e sanções. Não têm medo dos adultos e raramente brigam entre si porque têm menos ódio a descarregar por não estarem oprimidos. São espontâneos e mantêm contato com os estranhos muito rapidamente.

A idéia de que a educação é uma preparação para a vida está sempre presente. Por isso nunca se ensina a uma criança como funciona uma máquina porque isto, lhe roubaria a alegria de descoberta. Os livros são os elementos menos importantes. Porém considera-se importante dar à criança ferramentas, argila, esporte, teatro e liberdade e direito de brincar. E o resultado são as crianças e adolescentes que encantam todos os visitantes pelo seu aspecto de saúde e felicidade, pelas suas maneiras espontâneas e sinceras, pela sua cortezia natural e pela ausência de atitudes destrutivas.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

De 15 a 30 de junho foi realizado no Museu Nacional de Belas Artes a exposição de pintura dos artistas Telmo, Bustamante de Sá e Manoel J. Mattos. Das obras expostas destacamos de Mattos os quadros «Apanhadores de Papéis» e «Menino de Favela» ambos impregnados de um humanismo libertário, de pinceladas firmes, de rico colorido e sem faltar a ponta de lirismo que ultimamente caracteriza a pintura de Mattos, atravessando uma fase de alta produtividade.

A introspecção, os conflitos psicológicos profundos, o inconsciente coletivo borbulham na pintura de Telmo, fala de Jung, muito mais do que Freud. Os azuis agressivos e belos. A angústia existencial nas suas figurações rápidas. Há também a revolta, o protesto, a luta social. Seu quadro «Figura Amordaçada» é exemplo frisante de seu protesto.

Do mestre Bustamante ressaltam os quadros «O Comício» e «Entrada Num Trem da Central». Os problemas humanos cotidianos, as revoltas, a vida rotineira diária, o gado humano a caminho de seu curral. A alienação de reses que partem para seu matadouro diário. Colorido sóbrio, quase cinzento, como é a vida das massas suburbanas.

Uma excelente amostra de uma arte participante e válida, sem cair no anedótico, no panfletário tão a gosto dos engajados sem talento. Nossas vivas felicitações aos três artistas.

CINEMA

“O ANJO EXTERMINADOR” de Buñuel

Repentinamente uma sociedade burguesa fica encerrada dentro de suas contradições das quais não pode sair. Rapidamente a classe proletária representada pelos serviços um a um vai abandonando essas pessoas encerradas dentro de uma sala da qual misteriosamente não podem sair. Apenas o mordomo que não pertence a classe burguesa mas que também não pertence a classe proletária fica. Esse o tema extraordinário do filme de Buñuel «O Anjo Exterminador». Os conflitos estalam e cada qual procura uma saída para os problemas existenciais. Uns se entregam aos tóxicos, outros ao amor sexual, outros ainda ao trabalho e bem do próximo, outros encontram uma saída no suicídio e finalmente outros nas crenças espíritas. A sede e a fome abatem-se sobre essa sociedade, mas aparecem os «inocentes úteis», três carneiros que servem de alimentação. Repentinamente o encanto é quebrado e todos podem sair. As pessoas se dirigem à uma igreja na qual se celebra uma missa em ação de graças. Finalmente percebem que estão prisioneiros dentro do templo. Não há saída para suas contradições. Nas ruas estala uma rebelião popular. A polícia carrega sobre a multidão. E ao badalar dos sinos um bando de carneiros (inocentes úteis) se dirigem à igreja para salvar a situação dos reclusos.

Um filme para ser pensado. Um filme Do LIBERTÁRIO Buñuel.

OS ANTICOMUNISTAS... E O ANTICOMUNISTA

Agustín A. Candia

Por toda parte, tanto no Mundo Ocidental quanto no Mundo Sovietizado, arde pe-re-ne em muitas consciências um sentimento que se cha-ma a si próprio de ANTI-COMUNISTA. Para começar, vejamos entre nós mesmos: por que nos dizemos anticomunistas e não, por exemplo, antiliberais, antianarquistas, anticonservadores... ou anti-socialistas, demonstrando estar contra tudo o que não somos nós? Por que um conservador se proclama sobre-tudo anticomunista e não, por exemplo, antianarquista, sendo, por divergências lógi-cas, adversário do anarquismo? Um socialista dou-trinário se dirá anticomunista e não anticonservador ou antinacionalista, etc., etc., pois o comunismo deve lhe repugnar, enquanto que dos outros sentir-se-á adversário. Do exposto, concluímos que o atua denominado comunismo polarizou contra si tô-das as formas de pensar — mesmo nos seus matices — no denominador comum do anticomunismo, cuja pureza é louvável, mas implicando que é abominável o falso anticomunismo, isto é, aquele que não se fundamenta honestamente.

Para tratar do anticomunismo, antes de nada desfagmos as confusões existentes no que se referê ao conceito de comunismo. Se se tratasse somente do comunismo como uma forma particular de conceber um mundo melhor, ser anticomunista seria quimérico. Acredito que para sair das confusões, teria que tomar o comunismo sob dois aspectos:

Uma, que é a formulação da vida do homem em uma ordem comunitária, voluntária, libertária e não estatal, por conseguinte não marxista, modo que hoje subsiste em pensamentos solipsistas ou anárquicos; a estes, em bom rigor, poderíamos chamar de COMUNISTAS ANTICOMUNISTAS. Este comunismo não é totalitário, não serve a potências poderosas nem possui amos, pois é atributo da autoconsciência dos convictos.

Mas a partir da data em que a minoria do Partido Social Democrático Russo, comandada por Lenin, após a traição do socialrevolucionário Kerenski, para depois liquidar os socialistas, anarquistas e a maioria menchevique; a minoria bolchevista, mistificadas por Lenin as autênticas idéias socialistas, batizou-se com o nome de comunismo marxista-leninista. Os comunistas, denominando-se «comunistas», possuidores do poder e do dinheiro, convertem-se em sistemáticos totalitários e imperialistas, donos de armas poderosas, que dobram consciências pelo temor e pelo suborno. A este comunismo cabe a resistência idealista, por ser imperialista e antilibertário; este é o autêntico anticomunismo. Existe o anticomunismo daqueles que seriam comunistas se este governasse; entre estes estão os políticos que se declaram anticomunistas quando em perigo seu poder; capitalistas que apelam — sem medo — a um anticomunismo utilitário, por mero oportunismo. Pode isto ser anticomunismo? Não, isto não nos ajuda, mas prejudica aos que somos resistentes sinceros contra o comunismo soviético.

O anticomunismo sincero e conciente está dirigido contra o comunismo bolchevista, tal qual é, com seu rótulo de marxista-leninista. As razões fundamentais desta antinomia são essencialmente éticas, pois o comunismo é a prática mais convincente dos meios maquiavélicos, que o tornam estatal, autoritário e imperialista.

Esta «prática» é ameaçadoramente levada a cabo por meio de métodos psicológicos e militares, que implicam o uso desleal do acobertamento e da infiltração através de seus ativistas e crentes manejados pelo comando dos «esclarecidos» com

espírito de «nova classe». O comunismo, desde suas células faz a guerra contra tudo o que não é comunista, inclusive contra seus eventuais aliados, apesar de proclamar desde Moscou a «coexistência pacífica».

Do exposto, podemos afirmar que existe um comunismo que, por ter se apoderado deste termo, pode ser conceituado como o «comunismo oficial», algo assim como uma denominação técnica do comunismo, que tenta imperialisticamente desde suas metrópoles, seja Moscou, Péquim ou Havana, em forma rígida e insistente. Este é o comunismo que, por ter força e poder para subjugar todo aquele que não se atenha aos seus desejos imperiais, deve ser o anticomunismo dos sinceros resistentes.

Devem ser anticomunistas os que são diferentes ou adversários em suas concepções humanas, não só por instinto de conservação, mas ante tudo por solidariedade com as pessoas ou grupos de ideologias não comunistas, até mesmo os comunistas-trotskistas, os quais, apesar de usarem as mesmas praxias, também foram eliminados por seus confrades do mesmo ventre ditatorial.

O comunismo como uma particular concepção social distinta da nossa, mesmo que não nos convença, errada ou utópica, cuja realização dependeria da vontade dos homens para realizá-la; este comunismo não podem abominá-lo, aqueles que decididamente estão contra o co-

munismo dos partidos comunistas, pois prezariamos seus bons propósitos, o que não nos incitaria a participar da cruzada anticomunista que se levanta contra o comunismo soviético.

Assim como aceitamos que há, entre os que servem ao comunismo imperialista, inocentes — que não sabem o que fazem — também admitimos na policromia anticomunista, com tantas variantes, que há os denominados «anticomunistas de ocasião», que acreditam assim defender seus privilégios ou manter-se no poder. Este anticomunismo ou «transe», por sua negatividade, é aproveitado pela estratégia comunista.

Desde logo, o comunismo arregimentado cobre-se com roupagem doutrinária que, aparentemente, preocupa-se com todas as necessidades humanas, mas fechado num rígido dogmatismo, sempre de acordo com os homens que em determinado momento o comandam. Por isso o regime comunista, por não se enquadrarem dentro de seus dogmas, repudiou as teorias genéticas de Lisenco, e chamou de «pseudo ciência burguesa» à Cibernética, para depois, na hora de suas conveniências, usá-las para aumentar seu poderio. Considerando este dogmatismo, Bertrand Russel definiu o comunismo como «uma religião semelhante ao islão», enquanto Jaques Maritain, que fundamenta seu pensamento social-cristão no «teocentrismo», define-o como «uma religião da irrelição», isto é, uma reli-

gião atéia, e Proudhon disse do «pai» do comunismo autoritário, Marx, que este se propunha fazer uma teologia do anticapitalismo».

Em seus cinquenta anos de ação expansiva, não obstante seus vários deslocamentos, o comunismo cresceu pelos meios mais astuciosos e eficazes e uma estratégia muito perigosa para seus resistentes, o que força a enfrentá-lo com estratégia consistente, isto porque, por seu caráter agressivo (moral revolucionária) não pratica as regras da luta leal, com meios equitativos.

O idealista enfrentará o comunismo sob três aspectos: ideológico, político e estratégico. Cada uma destas fases, em nosso ordenamento, nem sempre requerem os mesmos homens: uns combatem o comunismo pela propaganda e a polémica; outros pela «força da Ordem» que, a rigor e sem muita convicção, apenas cumpre sua «razão de ser». Dai deduzimos que enfrentam ao comunismo dois setores que, embora nem sempre, poderiam completar-se: um é oficial, coativo, por obrigação, pelo poder e por sua razão de ser, integrado pelos funcioná-rios e as forças da Ordem; este setor nem sempre é sincero, pois encerra em sua função — mais do que ação — os não muito honrosos motivos de fazer méritos, conservar suas posições e conquistar postos mais altos.

O outro setor é o civil, voluntário, cuja ação provém de uma genuína concepção social, atua por iniciativa própria e sua luta — excetuando-se os

fanáticos — é francamente altruísta. Este setor, em holocausto de sua luta, dá sem pedir, muitas vezes no anônimo: são estes os autênticos cruzados contra o comunismo, como na Cuba cativa e em vários países sul-americanos, com meios lamentavelmente rudimentares, pela incompreensão do anticomunismo oficial, infiltrado por aqueles que devem ser combatidos.

O verdadeiro anticomunismo, para ser apreciado como autêntica sensibilidade social, deve constituir nobre repulsa contra o imperialismo tirânico, retrógrado e maquiavélico que se chama de «comunismo» por verdadeira usurpação do azar da História. Sabendo, por conseguinte, a essência do comunismo e sabendo que possui enorme poder, que controla técnicas e riquezas para impor seu parecer a todos pela força e pela chantagem, pondo em jogo seus exércitos, guerrilheiros e infiltrados — se somos libertários é urgente que atuemos como aticomunistas totais e conscientes.

O comunismo bolchevista, em paradoxo com seus volumosos enunciados, destruiu sem piedade precisamente os que queriam em sua real pureza a concepção comunista: começou mandando ao silêncio e à morte ao comunista-libertário Pedro Kropotkin; chamou de renegado a Kautski, por ser liberal; e deu a traçoira punhalada a um de seus próprios braços ativos e fanáticos, Trotski. Seus atuais teóricos — ao amparo do poder como Suslov, tratam de ocultar sob a denominação de comunismo uma forma de poder ditatorial e totalitário em opulenta panfletagem literária, para continuar conquistando crentes em nossas terras.

Em sua ação expansionista, o comunismo mediu a resistência dos anticomunistas chegando a fê-mê-la, motivo por-

que usa vários processos para neutralizá-la, dominando e neutralizando os anticomunistas sinceros por métodos psicológicos onde não é forte e pela prepotência e o terror onde é forte, procurando levar vantagem e evitando todo risco. Neste afã, o comunismo às vezes vê-se forçado a retroceder mansamente, para depois avançar com mais sanha e ódio.

Nos seus métodos psicológicos o comunismo apela aos direitos e liberdades, valendo-se da ambição dos demagogos e dos políticos iludidos. Para anular o anticomunismo sincero, procura fazer com que toda ação anticomunista seja tomada como «mac-cartismo», isto é, segundo eles, como reacionário e fascista. Para isso inculcou no ânimo de seus prosélitos como «lei divina» que «todo anticomunismo é mac-cartismo», valendo-se das equívocas apreciações sobre o anticomunismo do falecido senador norte-americano Mc Carthy. Este desprestígio alcança-o através dos procomunistas ansiosos de popularidade, os quais não se envergonham de servir desonestamente ao comunismo.

Todavia, cabe excetuar, para não cair em trágicos equívocos, aqueles de boa-fé que clamam contra o mac-cartismo; mas estes, como é de notar, sempre tratarão de evitar toda coincidência com o antimac-cartismo dos Partidos Comunistas e afins e ainda mais, embora enganados, estes tenderão a repelir a estratégia comunista até o sacrifício.

Os setores amorfos ou de ideologias indefinidas do mundo político — dada sua vacuidade de idéias e de definição — enchem seu vazio, em seu tranze de ambições, com os «slogans» fabricados pelos comunistas, que os usam irresponsável e simplistamente em seu desonesto proselitismo.

(Conclusão no próximo n.º)

Lídice - Minha Canção de Ninar

Pelo 25º aniversário da destruição da cidade de Lídice, na Tcheco-Eslaváquia, pelas tropas nazistas em represália e execução do comandante das tropas invasoras, patriotas democráticas.

Vertido, em tácita transação, pingues festejos, idolatram o seu vencido.
Vamos todos esquecer, em ciranda, cirandinha?
Um julgamento sem defesa, de repente monstruosos,
que destruíram, a noite e o dia,
sonhos, esperanças, ilusões,
do céu fazendo, inferno?

Vozes indormidas, berços desertos, amores desfeitos,
cervizes quebrados, bocas calando,
narizes recurvos,
olhares turvados,
por dólares, marcos e rublos, num simples contrato,
firmado?

Cada trincheira, todo sono arrependido,
aquela fila, imensa, numerosa,
minha fila querida, aquela fila minha,
meus números tatuados, aqueles números queridos,
naquela minha gente querida,
interrompida?

Caim maldito,
envenenado e sutil,
que nas dobras das filigranas,
penetrou o ingrato canto do esquecimento.

Hei-de roubar-te
a ilusão.
Jogar em tua cara, ferina, a dor, a morte, cada
momento chicoteado, para cobrar-te,
em dor e morte,
o pacto infernal.

Até que não reste, uma só dúvida, um só escaninho,
qualquer esconderijo vão!

Lídice, minha cidade,
Buchenwald, Oswiecim, Matenhausem,
ceifa de minha nação!

Esta nota dissonante,
minha canção de ninar!

Jacob Pinheiro Goldberg

CONTRIBUIÇÕES DEALBAR

(Continuação)

Justo, NCr\$ 2,00; Munhos, NCr\$ 5,00; Laboratório, NCr\$ 3,70; Camanhas, NCr\$ 2,00; Universo, NCr\$ 2,00; nome ilegível, NCr\$ 5,00; Gumersindo, NCr\$ 5,00; G.A.F., NCr\$ 1,00; S.A.L., NCr\$ 5,00; Fdo., NCr\$ 10,00; Doutor, NCr\$ 30,00; Pedro, NCr\$ 4,00; Cláudio, NCr\$ 5,00; Dora, NCr\$ 3,00; Trubillano, NCr\$ 10,00; Maria, NCr\$ 3,00; Mara, NCr\$ 0,50; Genarino, NCr\$ 3,00; Cecílio, NCr\$ 5,00; Navarro, NCr\$ 5,00; Soler, NCr\$ 5,00; Macias, NCr\$ 5,00; Castro, NCr\$ 2,00; Tesoro, NCr\$ 5,00; Chiquinho, NCr\$ 5,00; Maria Martinez, NCr\$ 1,00; Jaime, NCr\$ 10,00; AC, NCr\$ 5,00; Aparecida, NCr\$ 2,00; Rojo, NCr\$ 5,00; Ibraim, NCr\$ 5,00; D'Onofre, NCr\$ 25,00; Alberich, 2,00; G.A.F. NCr\$ 2,650; Laboratório, NCr\$ 1,00; Nunes, NCr\$ 2,00; Atílio, NCr\$ 3,00; Diotto, NCr\$ 10,00; Raimundo, NCr\$ 2,00; Gumersindo, NCr\$ 5,00; Onorio Ramos, NCr\$ 2,00; Terêncio, NCr\$ 4,00; Bebedouro, NCr\$ 8,00.

«NOSSO SÍTIO»

Relação de contribuições em dinheiro e BALANÇO do mês de JULHO DE 1967

Contribuições	
Antonio Martinez	NCr\$ 5,00
A. Passios	NCr\$ 60,00
Francisco Cuberos	NCr\$ 10,00
Gumercindo A. Fernandes	NCr\$ 5,00
Jaime Cubero	NCr\$ 10,00
João Rojo	NCr\$ 5,00
Justo Alvarez Perez	NCr\$ 5,00
Maria Martinez Cuberos	NCr\$ 10,00
Teresa Tesoro Garcia	NCr\$ 10,00
TOTAL	NCr\$ 120,00
Entradas	
Contribuições	NCr\$ 120,00
Saídas	
Saldo negativo anterior	NCr\$ 73,88
Caseiro e serviços	NCr\$ 75,00
TOTAL	NCr\$ 148,88
Resumo	
Entradas	NCr\$ 120,00
Saídas	NCr\$ 148,88
Saldo (Saldo negativo a transportar)	NCr\$ 28,88
Em dinheiro (saldo negativo)	NCr\$ 43,19
Depositado em banco	NCr\$ 14,31
TOTAL	NCr\$ 28,88

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Em 19 de julho de 1936, a Espanha sofria o que pode chamar-se uma intervenção estrangeira, em consequência de que a Itália fascista e a Alemanha hitlerista participaram dessa invasão, abertamente e declaradamente, com tropas e armamentos. O depoimento insuspeito e espontâneo de Francesco Nitti,

havia de causar profunda admiração em todo o mundo. Mais uma vez, o «Centro de Cultura Social», como o faz todos os anos, prestou a sua homenagem a esse grande acontecimento que continua sendo desconhecido pela grande maioria. Desconhecido, dizem, porque a guerra civil espanhola ainda não foi devi-

mancomunadas nazi-fascista-franquistas, colocaram aqueles acontecimentos entre os mais importantes da história universal. E para manter em seu justo e verdadeiro significado histórico esse indelével fato social, o «Centro de Cultura Social» fez realizar uma expressiva e concorrida semana antifranquista. Como

ma: «O Processo Histórico do Movimento Social e Político na Espanha», em que revelou um profundo conhecimento da trajetória histórica de Espanha. Em sua bem nutrida palestra esclareceu que um dos motivos desta comemoração era tornar conhecido que o movimento revolucionário espanhol não era dirigido por ideologias tais como a comunista que se atribui todos os valores, o heroísmo e a abnegação daquele povo que espontaneamente ergueu-se contra a ditadura do franquismo.

Terminando a sua conferência que foi bastante aplaudida, Antônio Gomes, disse que: «a Espanha não precisa importar idéias e táticas estranhas para se libertar. O povo ibérico tem idéias próprias e um destino certo que o levará a libertação completa da ditadura franquista». Falaram a seguir Lorenzo Cerrano, representante da República Espanhola no exílio, e o jornalista Aristides Lôbo, que fizeram entusiásticas referências ao acontecimento espanhol.

Para encerramento da semana antifranquista promovida pelo «Centro de Cultura Social», levou-se a cabo na noite de sábado 22 de julho, uma sessão literária com declamação dos seguintes poemas: Paz na Terra, de Waldir Kopezky; Motivos para Qualquer 19 de Julho, de Germinal de Amor; Balada com Porcos Negros, de Paulo Mendes Campos; e La Insignia de León Felipe. Todos os poemas foram declamados com segurança, fineza e harmonia de expressão, num perfeito afinamento de conjunto. Os intérpretes foram: Paloma Raya, Clara Dal'Oca, Teresa Tesoro, Luiz Coelho, Germinal de Amor, Cassiano Nunes e finalmente Antônio Raya, que tomou a si a responsabilidade de declamar, com palavras claras, precisas e compenetradas, o longo e empolgante poema de León Felipe: La Insignia. A iluminação esteve a cargo de Antônio Afiate e a direção do espetáculo pertenceu ao nosso companheiro Chicó Cuberos.

Assim terminou em São Paulo a semana antifranquista promovida pelo «Centro de Cultura Social», que somada às milhares de outras comemorações que se verificaram em todo o mundo, marcam o início do debate de um regime que envergonha a civilização moderna.

dealbar

A IDÉIA É COMO A GÓTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Ano 1 - Número 7 - SETEMBRO DE 1967 - Preço N Cr\$ 0,20

Nosso Sítio

Lembram-se da notícia sobre a aquisição de um sítio pelos «Amigos de Nossa Chácara»? Naquela oportunidade transmitimos o apelo lançado a todos os que por afinidade se interessassem no sentido de colaborar no atendimento aos pesados encargos assumidos. Hoje reiteramos aquele apelo, mas já não se trata de pagar o Sítio, pois no dia 24 de junho último foi assinada a escritura definitiva de compra. Vencida galhardamente a primeira etapa, o apelo agora é para a colaboração dos amigos e simpatizantes no desenvolvimento dos grandes planos que constituem as metas mais altas da iniciativa.

Também alguns objetivos mais próximos pedem a ajuda de todos os idealistas afins para o empreendimento, como se deduz do seguinte trecho

que acreditaram e colaboraram... para que pudessemos proclamar nossa primeira grande vitória! PAGAMOS O SÍTIO! Além de cumprirmos o compromisso assumido com a compra do Sítio e fizemos um investimento superior a dois milhões de cruzeiros no mesmo período em que o mesmo foi pago; tal o entusiasmo e o carinho que cercam esta iniciativa. Nossa próxima meta: a compra de uma construção para o Sítio e a construção de um salão e instalações que possam abrigar com conforto maior número de frequentadores e colaboradores. Para tanto contamos com sua ajuda, caro companheiro e amigo!... «Como vêem, nossos amigos leitores, o entusiasmo e a determinação daquele bravo pessoal merece todo o apoio.



extraído da introdução ao relatório apresentado recentemente pela comissão responsável pelo setor financeiro: «muito gostaríamos de falar sobre suas elevadas finalidades, sobre a nobreza de propósitos que norteiam os que participam da empreitada e que não medem sacrifícios ao contribuir com seu esforço para que a mesma se desenvolvesse... desejamos manifestar nossa gratidão a todos os

Fazemos nosso o seu apelo: aos que conhecem a iniciativa pedimos que procurem a comissão e ajudem participando como puderem; aos que ainda não a conhecem procurem conhecê-la para que seja cada vez maior o número de pessoas a colher os benefícios que uma obra daquele significado social proporciona.

JAIME

SACCO E VANZETTI

No dia 22 de agosto, há 40 anos foram alevosamente electrocutados Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Esses dois homens, inocentes do crime que se lhes inculcou, enfrentaram com elevada moral e inequívoca decisão a cadeia elétrica, «símbolo» preferido pela Justiça Norte-Americana. Dois militantes libertários que foram vítimas do mais execrando processo jurídico dos últimos tempos, só comparável à ignominiosa farça judicial que levou à fôrça, em 1887, em Chicago, a cinco ativos participantes da luta pela conquista das oito horas de trabalho.

Apesar de italianos, Sacco e Vanzetti haviam-se distinguido na América do Norte, pelas suas atividades nas lutas operárias e particularmente na campanha contra a primeira guerra mundial. Partidários de uma filosofia de igualdade e fraternidade universal, a sua propaganda ostensiva contra as maquinagens

ção, isto é em 1925, um moço portirriquenho, Celestino Medeiros, ter confessado a autoria do delito pelo qual estavam sendo julgados Sacco e Vanzetti, a Corte Norte-Americana não tomou conhecimento dessa confissão e nem sequer a examinou. Temerosos, talvez, de que se repetisse o mesmo caso dos «Mártires de Chicago», que, oito anos após a sua execução, um novo governador, revendo os processos, reconheceu a inocência das oito pessoas implicadas no caso, os juizes negaram-se a considerar a confissão de Medeiros.

A condenação destes dois homens à cadeia elétrica e a sua consequente electrocução, foi um processo de tamanha transcendência que tomou proporções internacionais e não houve país, salvo a Rússia «proletária», onde não se verificassem agitações populares em favor da liberdade deles. Mas a Justiça Norte-Americana é inflexível, surda



SACCO E VANZETTI

guerreiras granjeou-lhes a impiedosa perseguição da polícia daquele país, que não perdeu a oportunidade para implicá-los num crime de morte e roubo ocorrido na fábrica onde trabalhava Nicola Sacco.

Sete longos anos a Justiça Norte-Americana arrastou aquele criminoso processo com o qual se chegaria, finalmente, a eliminar a vida daqueles dois modestos trabalhadores. Apesar mesmo de, dois anos antes da electrocu-

e tradicionalmente prepotente. Assim, na noite de 22 de agosto de 1927, aqueles dois idealistas, homens de pensamentos elevados, foram sacrificados sob a alta e fatídica voltagem da cadeia elétrica. Nós, que participamos ativamente da campanha internacional a favor da sua libertação, ao cumprir-se mais um aniversário do seu ignominioso assassinato, prestamos a nossa sentida homenagem a esses dois mártires da liberdade.

Serafim Pôrto



O conferencista Antônio Gomes, falando sobre «O Processo Histórico do Movimento Social e Político na Espanha»

na época ex-ministro italiano no exílio, em que declarava que o movimento armado do general Franco havia sido concertado no estrangeiro, não deixava lugar a dúvidas de que os cabecilhas dessa traição à República Legal Espanhola, foram Franco, Hitler e Mussolini.

O povo espanhol, atacado inopinadamente e traiçoeiramente viu-se obrigado a tudo improvisar para fazer frente ao avanço vandálico das forças mercenárias do fascismo franquista. E foi assim que nasceu no setor republicano o movimento mais aguçado, mais lúcido e eminentemente popular que, pelo longo espaço de três tormentosos anos

damente devassada pelos categorizados representantes do jornalismo internacional, no que de construtivo se fez no setor republicano antifranquista, particularmente no que diz respeito às coletividades libertárias da Catalunha. Quando se pretende conduzir a humanidade a novos conflitos armados como solução dos cruciantes problemas que o capitalismo enfrenta, seria de toda conveniência que os pesquisadores da questão social, economistas, financistas e políticos responsáveis, fôsem remexer aqueles ensaios que inauguravam novas formas de entendimento humano. Três anos de resistência e abnegação contra as hordas

início das comemorações foi inaugurada no dia 17 de julho, uma profusa exposição de jornais, revistas, livros e outras leituras editadas na Espanha naqueles agitados dias da revolução. Estiveram presentes a esta inauguração os jornalistas Aristides Lôbo, João da Costa Pimenta e Edgard Leuenroth, que fazendo uso da palavra lembraram também, que, nessa mesma data, cumpriam-se 50 anos da histórica greve geral acontecida em São Paulo em 1917. O segundo ato comemorativo deu-se no dia 19 de julho, em que o conferencista da noite, Antônio Gomes, fez uma alongada e minuciosa exposição subordinada ao te-

O IDEALISMO É A FÔRÇA QUE CONDUZ À PERFEIÇÃO

Cromática

Revolucionária

Desde tempos já bem afastados, tem havido pessoas que se não entusiasma com causas que julgam certas e boas, causas que supõem representar alguma perfeição do ponto de vista humano, e, de tal maneira, que chegam a esquecer-se do seu bem-estar, e do progresso material. Porque tantos anseiam ao ideal revolucionário, e até mesmo põem em risco sua segurança, vindo, muitas vezes, a ficar em situações que

lhes não permitem continuar a luta em que se empenharam, ou por falta de recursos bastantes para se manterem, de que se descuram no processo da luta, ou a que foram levados pelas limitações que lhes vão sendo impostas como consequência dessa mesma luta?

Essas pessoas que são a força propulsora do aperfeiçoamento gradativo da humanidade, são as que se diferenciam dos apáticos ou dos inconscientes: são os autênticos idealistas.

No meio delas, como erva daninha entre as sementei-

ras, surgem os pseudo-idealistas. São tipos equivocados. Só atrapalham. Supõem sentir o que sentem os idealistas, mas não lhes têm nem a vontade, nem a consciência. Gos-tam de passar por idealistas e se têm nessa conta. Se possuem alguns cabedais, procuram insinuar-se através de ajuda financeira, de modo sorrateiro e maquiavélico. Ação que é boa, e trabalhosa, e arriscada, essa não se espere de tais idealistas: a comodidade não lhes permite; o risco não lhes aconselha. Muitas vezes, caluniar é o seu princípio; dividir os idealistas, o seu meio; o seu fim, o empolamento da vaidade... No mais, procedem como procedem os que eles criticam, ou deviam, coerentemente, criticar!

Quando começam a repercutir as vibrações das almas dos idealistas, quando projeções de triunfo já se distinguem, surgem os que costumam aproveitar-se dos frutos dos esforços e sacrifícios daqueles: são os oportunistas. Simulam mais entusiasmo do que os idealistas; exigem mais ação e sacrifícios, quando o pior já passou; tomam ares de liderança, procurando queimar, sem que eles percebam (em virtude do seu alheamento a recompensas) os que até ali mais se vinham esforçando, sacrificando, expondo. Caluniar é também o seu princípio; dividir os idealistas é também o seu meio; o seu fim, o proveito pessoal...

Se há triunfo, espirram de todas as partes, vermelhos,

arreplados, ofegantes, com fumaças de heróis, empunhando armas ou bandeiras, ostentando lenços no pescoço, entoando hinos ou canções, os que até ali espreitavam, tímidos ou apavorados, o desenrolar dos acontecimentos, ou os que voluntariamente serviam a facção contrária: estes são os adesistas. São mais descarados ainda do que os oportunistas que, de certo modo, ainda se expuseram. Com estes, põem-se à testa da nova situação, tentando tirar dela, o maior proveito, quando não a procuram desvirtuar, o que tem sido uma constante.

Os autênticos idealistas, se triunfantes, continuam despreocupados na sua obra revolucionária; os oportunistas e os adesistas procuram firmar posições pessoais enquanto alardeiam o que não fizeram.

A ação dos autênticos idealistas, porém, momentaneamente desfigurada ou interrompida volta a impor-se a fim de realizar-se. Os oportunistas e os adesistas nada realizam de duradouro. A má fé ou a ambição, com o tempo, serão notadas, e o processo interrompido ou desfigurado voltará a manifestar-se com toda a sua pureza.

O idealismo é a força das almas bem formadas, que conduz à perfeição! O oportunismo e o adesismo são a força das almas mal formadas, corrompidas ou deformadas, que retarda, mas não obstrui o caminho da perfeição!

OLIVEIRA VIANA E A QUESTÃO SOCIAL

Pronunciamento decisivo sobre os imperativos da questão social no Brasil encontra-se num trabalho de Oliveira Viana, o escritor considerado como um dos mais consagrados sociólogos brasileiros.

«O problema social não é um problema exclusivo aos povos capitalistas e ultra-industrializados. É um problema universal. Ele existe aqui como existe em qualquer país civilizado, cristão ou não. Não podemos afastá-lo sob a frívola alegação de que as questões que ele encerra são estranhas ao espírito do nosso povo e à organização econômica. Nada hoje, que se passa no mundo nos pode ser indiferente. Não somos nenhuma tribo de indígenas arborícolas, habitando em al-

gum recanto esquecido da Papuasia, fora de todo contato com os povos civilizados. Vivemos entre eles, respirando seu clima moral, sentindo as suas preocupações e aspirações; consequentemente, não nos podemos subtrair à influência das correntes espirituais que os agitam.

O problema social é o problema fundamental desta civilização, a que estamos incorporados, como uma grande nação, que somos, pela extensão do território pela grandeza da sua riqueza e de sua cultura. Problema fundamental da civilização, a que pertencemos, não pode deixar de ser também. Temos, justamente por isso, que resolvê-lo.